

A LINGUAGEM UTILIZADA NAS REDES SOCIAIS E SEU IMPACTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

THE LANGUAGE USED IN SOCIAL NETWORKS AND ITS IMPACT ON PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES

EL LENGUAJE UTILIZADO EN LAS REDES SOCIALES Y SU IMPACTO EN LAS CLASES DE LENGUA PORTUGUESA

Gladisson Silva da Costa

Aluno do curso de Segunda Licenciatura em Letras do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Lucília Maria Goulart de Andrade Bonfim

Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER

RESUMO

O ser humano, apoiado em convenções linguísticas, se comunica com outro ser humano por meio da fala e da escrita ou de linguagem não-verbal. Também no que se refere ao ambiente virtual, só é possível se “comunicar de maneira inteligível”, se houver compreensão dos mecanismos inerentes a esta variação linguística. Deste modo, o crescimento exponencial da Internet e as mudanças que a mesma opera sobre a forma como nos comunicamos, particularmente entre os jovens, tem sido alvo de grande preocupação por parte de pais e professores. Entretanto, apesar da enorme comoção que o tema suscita, ainda são escassas as publicações acadêmicas que tomem a linguagem na Internet como objeto de estudo, o que abre caminho para uma série de análises superficiais, especialmente na grande imprensa. Posto isto, este artigo almeja colaborar para o debate acadêmico ao promover uma revisão da bibliografia especializada acerca do impacto que a “linguagem da Internet” exerce nas aulas de Língua Portuguesa, bem como sobre os desafios que se impõem à comunidade escolar e, sobretudo, ao professor da educação básica diante desta questão. Sendo assim, o presente trabalho sintetiza as informações encontradas entre as publicações de estudiosos que se debruçaram sobre o tema nos últimos vinte anos e apresenta reflexões acerca das potencialidades didáticas da linguagem utilizada nas redes sociais (o “Internetês”) para o ensino da língua materna.

Palavras-chave: Educação; Língua; Internet; Letramento digital.

ABSTRACT

The human being, supported by linguistic conventions, communicates with another human being through speech, writing or nonverbal language. Regarding the virtual environment, it is only possible to “communicate intelligibly”, if there is an understanding of the mechanisms inherent in this linguistic variation. Thus, the exponential growth of the Internet and the changes it operates in the way we communicate, particularly among young people, has been a matter of great concern for parents and teachers. However, despite the enormous excitement that the subject raises, few academic publications take the Internet language as a subject of study, which opens the way for a series of superficial analyzes, especially in the mainstream press. Thus, this article aims to contribute to the academic debate by promoting a review of the specialized bibliography about the impact that the "language of the Internet" has on Portuguese language classes, as well as on the challenges the school community and the basic education teachers face on this question. Thus, this paper synthesizes the information found among the publications of scholars who have addressed the theme in the last twenty years and presents reflections on the didactic potentialities of the language used in social networks for teaching the mother tongue.

Keywords: Education; Language; Internet; Digital literacy.

A linguagem utilizada nas redes sociais e seu impacto nas aulas de língua portuguesa

RESUMEN

El ser humano, apoyado en convenciones lingüísticas, se comunica con otro ser humano por medio del habla, de la escrita o de lenguaje no-verbal. También en lo que se refiere al ambiente virtual, solo es posible “comunicarse de manera inteligible”, si hay comprensión de los mecanismos inherentes a esa variedad lingüística. De ese modo, el crecimiento exponencial de la Internet y los cambios que ella opera sobre la forma como nos comunicamos, en particular entre los jóvenes, ha sido tema de gran preocupación entre padres y docentes. Sin embargo, a pesar de la enorme conmoción que el tema genera, todavía son escasas las publicaciones académicas que asuman el lenguaje de la Internet como objeto de estudio, lo que abre el camino para una serie de análisis superficiales, especialmente en los medios. Frente a eso, este artículo pretende colaborar con el debate académico, al ofrecer una revisión de la bibliografía especializada acerca del impacto que el “lenguaje de la Internet” ejerce en las clases de Lengua Portuguesa, así como los desafíos que se imponen a la comunidad escolar y, sobre todo, al profesor de la educación básica frente a esa cuestión. De ese modo, este trabajo sintetiza las informaciones encontradas entre las publicaciones de estudiosos que se dedicaron al tema en los últimos veinte años, así como presenta reflexiones sobre las posibilidades didácticas del lenguaje utilizado en las redes sociales (el “Internetés”) para la enseñanza de la lengua materna.

Palabras-clave: Educación; Lengua; Internet; Letramento digital.

INTRODUÇÃO

A língua é um meio de comunicação utilizado pelo homem, baseado em “signos lingüísticos, que são arbitrários, ou seja, não possuem correspondência direta e fixa entre significante e significado”. Desta forma, o ser humano, apoiado em convenções lingüísticas, se comunica com outro ser humano por meio da fala e da escrita ou de linguagem não verbal. No que se refere ao ambiente virtual, só é possível se “comunicar de maneira inteligível”, portanto, se houver compreensão dos mecanismos inerentes a esta variação lingüística. Seguindo este viés de análise, se o indivíduo não utilizar padrões mínimos no momento de interagir com outro indivíduo, será impossível a compreensão da mensagem por parte do interlocutor. Aí reside a grande importância da escola. (SANTOS, 2015, p. 19)

Escolas e Universidades são as principais representantes de uma educação formal, uma vez que tais instituições são regidas por uma diretriz educacional centralizada em um currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas (geralmente muito rígidas), determinadas a priori por órgãos governamentais. Esta rigidez do ambiente escolar, por vezes acompanhada do despreparo dos docentes em lidar com as inovações trazidas pela Internet, acaba por prejudicar aprendizagem dos alunos.

Deste modo, a escola surge como “a promotora de um ensino da norma padrão” da Língua Portuguesa, muitas vezes carregada de um senso comum acerca da questão do

erro cometido pelo aluno, influenciado ou não pelo uso cotidiano da Internet. Sendo assim, tudo o que não se encaixa no rótulo “português padrão” é alvo de uma correção normativa, aquela com base na gramática tradicional, encontrada na língua escrita, que não contribui para uma aprendizagem significativa do discente, antes, contribui para a reprodução de preconceitos linguísticos no ambiente escolar e para a manutenção de uma superficialidade no processo de ensino-aprendizagem. (FREITAG; FONSECA, 2006)

Conforme destaca Sobroza (2007), a escola trata muitas vezes a linguagem como um “conjunto de regras e exceções e dá à língua padrão primazia sobre as variedades linguísticas de seus educandos”. Seguindo este viés de análise, destacamos que esta atitude contribui para a criação de um ambiente bastante excludente (reproduzindo a sociedade em que está inserida), sobretudo pelo fato de que a grande maioria dos alunos das escolas brasileiras não têm acesso à variedade linguística considerada padrão fora do ambiente escolar.

Além das dificuldades que permeiam o processo de ensino-aprendizagem no ensino da língua portuguesa nas escolas do país, o crescimento exponencial da Internet e as mudanças que a mesma opera sobre a forma como nos comunicamos, sobretudo entre os jovens, tem sido alvo de preocupação por parte de pais e professores.

No que se refere ao contexto brasileiro, esta preocupação se expressa pela visão de que a

“linguagem da Internet”, assim homogeneizada e naturalizada, não poucas vezes é vista e descrita como uma ameaça à integridade da língua portuguesa e, portanto, encarada como algo diferente e oposto a esta. Seria, pois, algo como uma nova linguagem ou antes uma nova língua que, para se instaurar, ameaçaria usurpar o *locus social* determinado para a existência e o funcionamento da língua portuguesa. Independentemente da ausência de suporte científico para tal forma de pensamento, não é de hoje que se defende a ideia de que o português brasileiro estaria sendo “assassinado a tecladas” por usuários que vêm adotando um novo “idioma” denominado Internetês. (BEZERRA, 2013)

Este viés de análise expõe o preconceito linguístico presente em diversas análises acerca do uso da linguagem utilizada na Internet e sua relação com o ensino da norma padrão da língua portuguesa.

Apesar da enorme comoção que o tema suscita, ainda são escassas as publicações acadêmicas que tomam a linguagem na Internet como objeto de estudo, abrindo caminho para uma série de análises superficiais, sobretudo na grande imprensa. Em diversas

abordagens sobre esta temática, o senso comum projeta uma imagem de um processo de transformação da língua portuguesa que, fatalmente, culminará na morte da língua materna.

No espaço digital encontramos formas de comunicação e mundos textuais bastante diversos, e, “do ponto de vista da linguagem, o mundo digital é tão colorido e multifacetado como o real”, conforme sublinhado por Schlobinski (2012). Sendo assim, faz-se necessário observar atentamente as possibilidades trazidas pelas novas tecnologias, no mínimo para não nos deixarmos levar por preconceitos e para podermos contestar generalizações com uma opinião fundamentada.

Diante do exposto, ao analisar a bibliografia especializada sobre o tema, buscou-se expor o impacto que a “linguagem da Internet” exerce nas aulas de Língua Portuguesa, bem como quais os desafios que se impõem à comunidade escolar e, sobretudo, ao professor da educação básica diante desta questão.

Conforme destaca Bezerra (2013), “não existe uma linguagem, e sim linguagens da/na Internet”. Deste modo, faz-se necessário destacar que o presente trabalho não pretende analisar todos os usos da linguagem vigentes na Internet; antes, almeja abordar os registros linguísticos em uso em redes sociais, blogs, e-mails pessoais, programas de bate-papo e aplicativos de mensagens instantâneas e seu impacto nas aulas de Língua Portuguesa.

Entendemos, portanto, que o “Internetês” não é uma degeneração da língua portuguesa, mas, conforme destacam Komesu e Tenani (2009) “trata-se de uma (ou de algumas) possibilidade(s) da língua, considerando-se os propósitos de comunicação dos sujeitos na linguagem”. Dessa forma, o presente trabalho não pretende esgotar o debate sobre o tema, antes, pretende realizar alguns questionamentos pertinentes acerca das implicações desta variação linguística (caracterizada pelas modificações do registro gráfico padrão) nas práticas de ensino da língua materna.

A COMUNICAÇÃO HUMANA NO CONTEXTO DIGITAL

A linguagem permite ao homem distinguir, definir e constatar coisas, sentimentos, emoções e conhecimento. É pela linguagem que somos capazes de nos situar no tempo, lembrando o que ocorreu no passado e antecipando o futuro por meio do pensamento.

Desta forma, entende-se a comunicação como um fenômeno complexo que possui diversos elementos em jogo: a natureza dos participantes (emissor e receptor), a natureza do canal utilizado (que pode ser desde as ondas sonoras até a luz), a natureza do código e da natureza das mensagens transmitidas (LARUCCIA, 2012).

As revoluções midiáticas sempre representaram um elemento importante na configuração de nossa história e cultura e, por isso, “desencadearam e ainda desencadeiam dinâmicas no processo da civilização”. Desta forma, com o advento da Imprensa de Gutenberg, iniciou-se um longo período histórico, em que se operou uma reorganização não apenas de nossa percepção sensorial, mas também da “produção e da reprodução da comunicação” e, com isto, também da linguagem. Deste modo, com o desenvolvimento da Internet e o permanente processo de informatização que ocorre em nossa sociedade, vislumbra-se uma enorme quantidade (e velocidade) de informações nunca vista em outras épocas. (SCHLOBINSKI, 2012).

Como nos informa Salgado (2002), a sociedade da informação em que vivemos, se configurou a partir dos anos de 1960, em meio às tensões da Guerra Fria, fruto de uma revolução tecnológica cuja origem remete ao final da Segunda Guerra Mundial. Segundo a autora citada, todo este desenvolvimento modificou, em curtíssimo prazo, muitos aspectos da vida cotidiana. (SALGADO, 2002. p. 15)

Outro ponto que promove mudanças em nossa vida tem relação com a imensa diversidade de finalidades de uso destas ferramentas digitais, tais como realizar pesquisas, enviar mensagens eletrônicas, realizar compras ou se comunicar instantaneamente com pessoas que podem estar em outro país ou em outro cômodo da casa. Além disso, os meios de acesso a estas facilidades modernas tornaram-se onipresentes em nossa vida. (SANTOS, 2015)

Um dos fatores que mais se destacam na sociedade atual é, portanto, a tecnologia da informação. Essa crescente evolução dos elementos tecnológicos na sociedade capitalista tem revolucionado de maneira significativa o modo como vivemos, pensamos, agimos e nos comunicamos, alterando radicalmente a estrutura da sociedade. Esta acelerada mutação da sociedade exige do indivíduo uma reciclagem constante e contínua de seu estoque de conhecimento, na tentativa, nem sempre bem-sucedida, de corresponder ao ritmo das mudanças. Desta forma, embora a tecnologia permita o acesso à informação, ela por si só não operacionaliza o processo de conhecimento.

A Internet é uma mídia que tem como fundamento base o conceito de “liberdade de expressão”. Como nos informa o linguista Antônio Carlos Xavier, “nunca esse sintagma esteve tão valorizado em toda história da humanidade”. Desta forma, hoje mais do que nunca, valoriza-se não só o que se diz, mas principalmente o direito de dizer, ainda que para tal se utilizem formas de escrita não convencionais. Apoiados nisso, os adolescentes, usuários frequentes da Internet, encontram na rede “o espaço ideal para exercitar aquilo que mais gostam de fazer pela própria natureza da idade: transgredir”. (XAVIER, 2005)

Conforme o exposto, o advento do computador conectado à Internet modificou a relação linguística entre os sujeitos, já que agora a interação humana realiza-se também a partir da escrita em diferentes meios digitais. Estas transformações trouxeram para o cenário atual “a ideia da chamada sociedade da informação”, no qual um dos elementos mais marcantes é a velocidade com que as próprias tecnologias, sobretudo as ligadas à informação e comunicação, penetram e modificam nossas vidas. (PRETTO, 2011).

“INTERNETÊS”

A metodologia utilizada neste trabalho foi a revisão bibliográfica, fundamentada em materiais que foram publicados em livros, artigos científicos, publicações periódicas e materiais na Internet, tendo como base os temas: Letramento Digital, Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação, Língua Portuguesa. Tal abordagem permitiu sintetizar as informações encontradas entre as publicações de estudiosos que se debruçaram sobre o tema nos últimos vinte anos, bem como possibilitou a exposição de algumas reflexões acerca das potencialidades didáticas da linguagem utilizada nas redes sociais (o “Internetês”) para o ensino da língua materna.

Deste modo, destacamos a contribuição de Bezerra (2013) que, ao se debruçar sobre trabalhos que efetivamente ofereciam uma discussão específica sobre o impacto da linguagem utilizada nas redes sociais no ensino de Língua Portuguesa, destaca que “a referência genérica e simplista a uma ‘linguagem da Internet’ é bastante frequente nos artigos científicos”.

Em nossa pesquisa bibliográfica, portanto, esbarramos na mesma dificuldade. Análises equivocadas acerca da “linguagem da Internet” concebem a relação entre fala e escrita a partir de uma ideia (carregada de preconceitos linguísticos) de que existiria uma

interferência da fala na escrita, cujo produto seria a degeneração da última. Conforme afirmam Komesu e Tenani (2009), a imagem de degradação da escrita e, por extensão, a da língua, pelo uso da tecnologia digital, “advém do pressuposto de que haveria uma modalidade escrita *pura*, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados”, a qual estaria livre de interferências sociais, históricas e culturais.

Desta forma, a bibliografia especializada destaca que, como acontece com todas as novas mídias ligadas à atividade de comunicação humana, também a Internet atinge de modo particular os usos da linguagem. O crescente uso das ferramentas digitais, portanto, tem contribuído para a criação de novas maneiras de lidar com a escrita e suas normas de representação gráfica.

Conforme alerta Santos (2015), devido ao objetivo de ‘enviar e receber mensagens de forma rápida e prática’, os usuários das novas ferramentas de comunicação fazem uso de uma “linguagem de caráter híbrido: é próxima da oralidade por mais que seja registrada de forma escrita”. Seguindo este viés de análise, faz-se importante sublinhar que a citada presença de marcas de oralidade na modalidade de escrita produzida no ambiente digital constitui uma das possibilidades de representação escrita do português brasileiro (tão válida quanto outras formas de representação), que evidencia o caráter heterogêneo da língua e não de uma pretensa degeneração da mesma.

Entretanto, como afirma Silva (2006), é importante frisar que produzir textos (sejam documentos, cartas ou mensagens em aplicativos) é se comunicar e que “cada gênero textual exigirá uma configuração particular, ou seja, deve estar adequado ao lugar, contexto e ao interlocutor.

Seguindo este viés de análise, o emissor da mensagem, bem como seu interlocutor, deverão estar cientes dos códigos que permeiam a comunicação em ambiente digital. Conforme afirma Fiorin (2008), “A práxis enunciativa da Internet” caracteriza-se pela simplificação, uma vez que, letras maiúsculas são evitadas, deixam-se de lado muitos sinais de pontuação e não se grafam todas as letras, apenas para citar alguns exemplos. Ainda recorrendo a Fiorin, estas modificações estão contribuindo para o surgimento de “novos gêneros textuais, como o blog, o chat, o e-mail”.

A linguagem utilizada nas redes sociais e seu impacto nas aulas de língua portuguesa

Sendo assim, diante de uma geração que tem adquirido um letramento digital antes mesmo de apreender o letramento tradicional, ensinado nas escolas, é preciso ter em mente que

Eles agora lidam não só com as formas gráficas da escrita ditadas pelas normas gramaticais, mas as reconfigura, ressignificando-as tal como acontece com parênteses, traços, barras e outros sinais de pontuação que formam feições humanas e passam a representar estados d'alma, refiro-me aos emoticons. (XAVIER, 2005, p. 2)

Posto isto, vislumbramos em nossa pesquisa que as mudanças ortográficas realizadas no ambiente digital não ocorrem de forma caótica e aleatória, mas, antes, seguem regras muito claras. Neste sentido, resgatamos outra contribuição do linguista José Luiz Fiorin (2008) acerca das características da ortografia utilizada na Internet, o “Internetês”. Conforme o citado autor, a simplificação ortográfica, principal característica da linguagem utilizada nas redes sociais, ocorre por meio do uso do

menor número de letras possível, substituindo grupos gráficos (dígrafos, encontros consonantais) por sons equivalentes (aqui > aki); evitam-se os diacríticos que exigem um esforço maior de digitação pela forma equivalente do ponto de vista fônico sem diacrítico (não > naum: na primeira forma temos cinco toques, na segunda, quatro); eliminam-se os sinais de pontuação e outras convenções gráficas, quando não houver qualquer dificuldade de leitura (assim, a letra inicial do período é grafada em minúscula: lembremo-nos de que, ao longo da constituição da nossa grafia, muitas das convenções que hoje nos parecem naturais não existiam em certas épocas, como, por exemplo, os espaços entre as palavras); descartam-se letras, quando a palavra puder ser lida sem elas sem nenhum problema (beleza > blz, gt > gata; hj > hoje; tds > todos; rs > risos: observe-se que sempre se mantêm as consoantes, o que segue um princípio da constituição da escrita alfabética, que aparece entre os fenícios, que falavam uma língua semítica, onde a alternância vocálica é absolutamente regular, de que é necessário grafar apenas as consoantes; evidentemente, em nossas línguas não é possível dispensar as vogais; no entanto, a grafia apenas das consoantes, em algumas palavras, pode permitir-nos a leitura sem qualquer problema). Além disso, muitas vezes, empregam-se formas que reproduzem a fala (triste > tristi; ovo > ovu: como se sabe, não há vogais mediais em posição final em português). (FIORIN, 2008, p. 4)

Diante do que foi exposto, a escrita na Internet (sobretudo nas redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, onde a comunicação é marcada pela velocidade) promove a otimização dos caracteres digitais. As formas linguísticas são adaptadas ao número de caracteres disponíveis e otimizadas do ponto de vista da linguagem. Para tanto, efetua-se a supressão dos acentos gráficos com o intuito de que esses caracteres, ao serem compartilhados em ambientes digitais diferentes, não sejam desconfigurados, por exemplo.

A língua, portanto, deve ser entendida como um fenômeno social, seja na sua manifestação oral, seja na escrita. Desta forma, a comunicação no mundo digital, sobretudo nas redes sociais, permite a utilização da língua mais informalmente, o que deve ser compreendido como uma característica própria desse sistema e da evolução natural da língua em consonância com o desenvolvimento tecnológico e com as demandas da comunidade de fala. (VIEIRA, 2015).

Destarte, faz-se necessário destacar que, embora seja comum tratar de variação linguística como um termo ligado à fala, é possível, também, “considerar variação linguística no nível dos sistemas de escrita”, sobretudo no que se refere à linguagem utilizada na Internet, “visto seu caráter mais fonológico” que as sentenças utilizadas em um meio formal. (SANTOS, 2015, p. 24)

Sendo assim, ao vislumbrarmos a variação linguística na Internet, faz-se necessário destacar que o contexto possui grande influência no tipo de estruturas escolhidas e utilizadas pelo indivíduo, como, por exemplo, a idade dos falantes. Desta forma, vislumbra-se que

as gerações que foram inseridas no meio digital já adultas tendem a fazer menor uso de recursos como abreviaturas e *emoticons*, enquanto crianças e adolescentes, familiarizados com os novos meios tecnológicos da informática desde o período anterior à sua alfabetização, sentem-se completamente à vontade ao usar ‘novas formas’ da língua (SANTOS, 2015, p. 26)

A variação, portanto, se apresenta como um processo comum da língua, necessário para sua renovação, mas que nem sempre acarreta a substituição da forma usual de forma automática.

Conforme afirma Vieira (2015) “há uma tácita permissibilidade dessas alterações gráficas em determinados contextos comunicativos”, uma vez que cada gênero textual exige uma configuração particular, ou seja, deve estar adequado ao lugar, contexto e interlocutor. (BARBOSA, 2017). Enfim, não obstante as críticas, sublinhamos que essas ocorrências no uso da escrita na Internet não comprometem, por si só, o aprendizado da língua materna, uma vez que a “variedade de uso virtual da língua”, como destaca Santos (2015), “de caráter mais fonético, pictórico e reduzido graficamente” não implica o desuso da variedade padrão, já que uma comunidade de fala “pode possuir diversas variáveis”, sem prejuízo para a comunicação.

OS DESAFIOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Internet é um espaço democrático. Na rede mundial de computadores se pode empregar a escrita e a língua de modo mais livre, de modo a se moldar ao gênero que se precisa utilizar nas diversas ocasiões de navegação. Nesse sentido, como destaca Xavier (2005), faz-se necessário que o professor alerte os usuários da língua a encaixá-las em seus devidos contextos e deixar claro que “é necessário também dominar o sistema de notação ortográfica até porque só transgrede conscientemente uma regra quem já a domina completamente”.

Com o desenvolvimento da informática, a escrita ganhou uma importância inédita na vida das pessoas. Deste modo, a escola deve aproveitar a competência comunicativa dos adolescentes que usam tão bem os gêneros digitais disponíveis na rede virtual, para transformá-los em bons produtores de gêneros textuais valorizados na sala de aula e nos ambientes mais formais. (XAVIER, 2005)

Desta forma, o problema do ensino de língua portuguesa nas escolas não reside na linguagem da Internet e sim no processo de ensino-aprendizagem. Conforme sublinha Fiorin (2008), “é preciso que os professores trabalhem com a realidade linguística em que vivem”, fazendo uso dos conhecimentos tácitos trazidos pelo aluno a partir de sua vivência. Em outras palavras, é preciso levar em consideração o Internetês ao trabalhar com a ortografia em sala de aula.

É esse o contexto que se apresenta à escola atualmente. Uma escola que vive uma crise de identidade por conta de diversas e históricas razões, uma das quais relacionadas com o crescimento da população e do número de alunos a serem atendidos. Conforme sublinha Pretto (2011), é “uma escola que não dá conta de trabalhar com a diversidade de culturas dos que ali chegam”. Diante deste quadro, conforme o citado autor, as políticas públicas voltadas para a educação terminaram sendo, na maioria das vezes, baseadas em padronizações e na adoção de práticas centradas em uma lógica que remete mais “à linha de produção de uma indústria do que a processos de produção científica e cultural”.

Além disso, diante da intensa (e irreversível) utilização do computador para comunicação entre pessoas à distância, muitos adolescentes desenvolvem práticas de leitura e de escrita bastante diversas das formas tradicionais de letramento e alfabetização perpetradas no ambiente escolar e, infelizmente, as escolas ainda desconhecem ou

simplesmente ignoram o funcionamento e as vantagens do uso das novas tecnologias em sala de aula e, por isso, têm se recusado a utilizá-las em suas atividades cotidianas.

A despeito desta postura negativa de diversas escolas e das críticas efetuadas contra a linguagem da Internet, em nome de uma pretensa pureza da língua, a Internet tem contribuído enormemente para que as pessoas leiam mais e usem mais a escrita. Desta forma, tem-se uma geração que produz novos (e muitos) textos em diversos contextos que impõem aos educadores repensar os próprios processos de ensino-aprendizagem e rever suas estratégias pedagógicas. Posto isto, com o crescente acesso de pessoas (sobretudo crianças e adolescentes em idade escolar) à rede mundial de computadores e o surgimento de diversos gêneros, desenvolve-se uma maneira diferente de lidar com a escrita e suas normas gráficas e, portanto, os professores devem estar preparados para lidar com tais demandas. (XAVIER, 2005. p. 2).

Conforme o exposto, impedir os adolescentes de usarem os gêneros digitais sob o pretexto de que, como alerta Antônio Carlos Xavier, “prejudicam a aprendizagem da escrita ‘correta’” é ignorar o fenômeno da variação linguística, “é priorizar o ensino da forma em detrimento do conteúdo”, bem como “transferir o fracasso metodológico do ensino da notação ortográfica para um fator externo à prática pedagógica” que por si só jamais poderia ser responsabilizado por quaisquer fracassos. Portanto, cabe aos professores de língua materna compreender que a Internet tem muito a contribuir na formação intelectual e linguística dos alunos, uma vez que contribui para a formação de novos leitores e autores de textos sejam eles verbais, visuais, sonoros ou hipertextuais, habilidades estas que a escola, com suas ferramentas didáticas obsoletas e estruturas antiquadas, não tem conseguido promover entre os educandos de forma satisfatória. (XAVIER, 2005. p. 8)

Diante deste quadro desafiador, os professores precisam urgentemente “conhecer estes novos gêneros discursivos e as linguagens digitais que são usados diariamente pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar”. Fazer uso de novas tecnologias, e tudo o que isto implica, não significa que o docente necessite abandonar as práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo.

Tendo em vista a dificuldade de muitos professores em fazer uso da linguagem da Internet em sua prática docente, recuperamos a contribuição do linguista Antônio Carlos

Xavier, onde afirma que os professores de língua materna e os educadores em geral precisam atentar para dois fatos importantes nessa discussão: 1. Não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita, pois é um equívoco pensar que a língua é uniforme em todos os lugares em que é usada. 2. A Internet exige a prática da leitura e estimula a escrita entre seus usuários. (XAVIER, 2005. p. 8)

Destarte, conforme nos informa Maria Teresa Freitas, em artigo sobre a formação de docentes, precisamos de professores e alunos que sejam “letrados digitais”, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. (FREITAS, 2010. p. 340).

Neste sentido, os docentes precisam conhecer as habilidades digitais de seus alunos e trabalhar, de forma conjunta, para que as informações encontradas em fontes e formatos diferentes no ambiente digital, a partir da compreensão do educando, se transformem em conhecimento e numa aprendizagem significativa. Dessa maneira, “os alunos e professores desenvolvem novas formas de conhecimento, que possibilitem uma participação crítica do que lhes é oferecido pela cibercultura”. (RIBEIRO, 2012, p. 48).

Segundo este viés, o professor, sobretudo no ensino fundamental e médio, precisa ter em mente que a utilização de ferramentas didáticas que contribuam para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem – como é o caso das linguagens digitais –, não é, pois, “abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento acadêmico, mas garantir que a apropriação deste conhecimento pelos alunos ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens”. (CAIMI, 2006. p. 24)

Enfim, faz-se necessário que o professor seja um profissional capaz de mobilizar conhecimentos, recursos e procedimentos para a superação dos problemas que possam surgir no cotidiano escolar. Além disso, conforme ressalta Flávia Caimi ao analisar a formação de professores no Brasil, o docente deve conseguir “reorientar a sua ação para intervenções mais qualificadas” no processo de aprendizagem dos alunos. Deste modo, o professor não deve se comportar como um “simples técnico, reproduzidor de conhecimentos”, mas um profissional capaz inovar e dialogar com a produção de seus pares. (CAIMI, 2006. p. 28-29)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizarmos a revisão bibliográfica acerca do impacto da linguagem utilizada nas redes sociais nas aulas de língua portuguesa, pretendemos propor uma reflexão acerca dos desafios que as novas tecnologias de comunicação impõem ao docente de língua portuguesa atualmente.

Vislumbramos neste trabalho, dois pontos importantes sobre a relação entre a linguagem da Internet e o processo de ensino-aprendizagem da língua materna no ambiente escolar. O primeiro ponto diz respeito ao pequeno número de trabalhos que tratam da temática de forma mais aprofundada. Outro ponto refere-se ao despreparo dos professores de Língua Portuguesa, e da própria escola, em enfrentar os desafios impostos pelo crescente uso da Internet entre os alunos.

Deste modo, coincidimos com Paulo Freire (2005), que afirma que a escola deve promover uma educação libertadora e não se converter em uma “educação bancária”, onde o aluno apenas recebe, guarda e reproduz o conhecimento formal transmitido pelo professor.

As novas tecnologias digitais exigem dos usuários o desenvolvimento de novas habilidades, uma vez que a comunicação no ambiente digital apresenta códigos, estruturas e características próprias. Desta forma, é preciso que a escola valorize o caráter heterogêneo da língua e consiga instrumentalizar o aluno, para que este se torne um indivíduo consciente das variações da língua e seja capaz de produzir e interpretar textos, seja em documentos oficiais, aplicativos de mensagens ou posts em redes sociais.

Neste sentido, notamos que a maioria dos professores de língua portuguesa não sabe exatamente como trabalhar com a linguagem utilizada no ambiente digital, o “Internetês”. Os docentes, na maioria das vezes, se isolam em suas trincheiras acadêmicas, onde a escola se apresenta como o bastião de uma norma padrão da língua. Este desconhecimento e/ou despreparo em trabalhar as diferentes variantes da língua acabam por resultar na principal queixa dos especialistas: a ausência de um planejamento que envolva o uso das tecnologias digitais e o conhecimento dos alunos sobre o tema com o conteúdo a ser ministrado pelo professor, resultando em aprendizado efetivo e duradouro.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. M. **Reflexões linguísticas sobre as novas tecnologias e suas implicações para o ensino de língua portuguesa.** In: Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais, 4., 2017, Campina Grande - PB. Anais... Campina Grande: REALIZE Editora, 2017. Artigos.

BEZERRA, B. G. **O discurso acadêmico sobre língua e linguagem na Internet.** In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 5., 2013, Recife. Anais... Recife: UFPE, 2013. Artigos. p. 1-20.

CAIMI, F. E. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo, Niterói, v.11, n.21, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042006000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20/07/2018.

FIORIN, J. L. **A Internet vai acabar com a língua portuguesa?** Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 2-9, jun. 2008. ISSN 1983-3652. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/10/7299>>. Acesso em: 15/07/2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAG, R. M. K.; FONSECA E SILVA, M. **Uma análise sociolinguística da língua utilizada na Internet:** implicações para o ensino de língua portuguesa. Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores.** Educ. rev., Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, Dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/07/2018

KOMESU, F.; TENANI, L. **Considerações obre o conceito de “Internetês” nos estudos da linguagem.** Revista Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v.9, n.3, p. 621-643, set./dez. 2009.

LARUCCIA, Mauro Maia. **Notas sobre linguagem, comunicação e educação.** Pensamento & Realidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração - FEA, v. 15, fev. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/8446/6258>>. Acesso em: 16/08/2018.

PASTORELLO, Adriana. **O impacto do Português brasileiro veiculado na Internet para a educação básica portuguesa.** Revista Lusófona de Educação, Lisboa, n. 15, p. 175-187, 2010. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502010000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14/08/2018.

PRETTO, N. L. **O desafio de educar na era digital:** educações. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho – Portugal. v. 24. p. 95-118, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v24n1/v24n1a05.pdf>. Acesso em: 10/06/2018.

RIBEIRO, M. H. **Práticas de letramento digital na formação de professores:** um desafio contemporâneo. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mariana-Henrichs-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 15/07/2018.

SALGADO, Luciana Maria Allan. **A biblioteca virtual do estudante brasileiro da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo:** um estudo da sua estrutura e dos seus usuários. 2002. Dissertação (Mestrado em Cinema, Rádio e Televisão) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Acesso em: 10/07/2018.

SANTOS, J. L. dos. **Entre a Internet e a escola:** a influência do código de escrita virtual sobre a modalidade do português brasileiro em redações escolares. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2015.

SCHLOBINSKI, Peter. **Linguagem e comunicação na era digital.** Pandaemonium ger., São Paulo, v. 15, n. 19, p. 137-153, 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-88372012000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01/08/2018

SOBROZA, L. S. **Escola X língua padrão, ideologia e preconceito linguístico.** Linguagens & Cidadania, v. 1, p. Ano 9 N° 1, 2007.

TEIXEIRA, M. M. **Da comunicação humana a comunicação em rede:** uma pluralidade de convergências. Revista Temática, ano VIII, n. 2, 2012. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2012/fevereiro/comunicacao_redes_convergencias.pdf. Acesso em 10/08/2018

VIEIRA, C. H. A. **O emprego da vírgula em posts do Facebook.** Revista Claraboia, v.2, n. 2, 2015. Disponível em <http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/621>. Acesso em 03/08/2018.

XAVIER, A. C. **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da Internet.** Revista Investigações – Linguística, v. 18, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>. Acesso em: 14/08/2018.